

APRESENTAÇÃO DO ORADOR — Temos hoje entre nós um sertanejo cearense nascido no lugar Morada Nova. Certos nomes de cidades, como decerto os senhores já notaram, parecem predestinar algum filho ilustre. Este, Morada Nova, que reverencio como berço de Raimundo Girão, sugere um lirismo alegre, diria mesmo esperançoso. Quem ali nasceu, e se encaminhou nos estudos da História, não poderia interpretar os fatos antigos como café requentado que se tomasse com rapadura salobra. Morada Nova indica lirismo e modernidade, intimidade e permanência. Curiosamente, senhores, o historiador que hoje nos dá sua aula sobre a participação do Ceará na Independência do Brasil, reúne todas estas qualidades, como se o lugar de nascimento lhe houvesse marcado o destino de escritor. Arrisco-me a assegurar que, por coincidência ou destino, isto aconteceu.

O Professor e historiador Raimundo Girão, atravessando uma vida cheia de atividades úteis, nunca perdeu os sentimentos lírico e épico da vida. Advogado militante, prefeito de Fortaleza nos anos de 1933 e 1934, no pino da Revolução de 30, Secretário de Educação do Estado, Presidente do Rotary, da Associação Franco-Brasileira e do Conselho Estadual de Cultura, foi atravessando posições e acumulando cargos sem perder — jamais — o gosto pela História, pela investigação sob métodos modernos, pela interpretação viva e nunca polarmente fria dos fatos.

Para ele História é vida e sangue pulsante. Seus livros foram, inicialmente, de Direito e Ciências das Finanças, como se estivesse antegozando o momento de ensinar aos brasileiros as grandezas do Ceará. Há uns 30 anos, porém, traçou rota batida da qual não mais se afastaria. Biografou cearense ilustres e famílias — como Tibúrcio Cavalcanti, e o Comendador Machado e sua grei, deu-nos uma História Econômica do Ceará e uma Pequena (que só ele classifica assim) História do Ceará e mais ensaios vários, um dos quais de título bastante revelador: Geografia Estética de Fortaleza.

Com o perdão do que a lembrança pode ter de irreverente, ocorre-me o ditado popular gato escondido com o rabo de fora. Geografia, notem bem, não política, não econômica, mas estética. Eis aí o filho de Morada Nova a descoberto. Como também se descobrirá nesta conferência de hoje, porque será impossível falar sob um tema tão apaixonante — “Precisou-se do Ceará na Independência” — sem as galopadas de Pereira Filgueiras, baiano do Crato desde os quatro anos de idade, gigante no físico e ferrabrás na coragem. Não lhe será lícito esquecer as pelepas de glórias travadas na conquista da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, hoje Fortaleza simplesmente, a bela cidade; nem poderá esquecer as cruzadas cearenses da Independência que talaram catingas do Piauí e Maranhão.

É este senso estético que estamos ávidos por aplaudir. A gesta dos heróis e a sensibilidade cearense para com a grande causa nacional de 1822 e anos próximos. Para que demorar ainda mais o grande momento esperado? Cala-te boca. Deixa que a Universidade Federal de Pernambuco e a SUDENE homenageiem a grande gente do Ceará pela voz do seu magno historiador. — JOEL PONTES